



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e o crescimento do movimento LGB Alliance

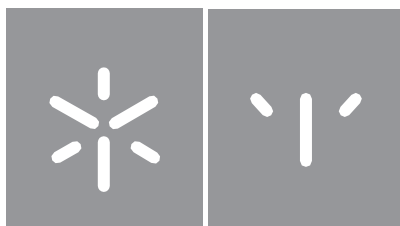
Francisco Luís de Carvalho Pereira

Uminho | 2022

Francisco Luís de Carvalho Pereira

Transfobia dentro da comunidade
LGBTQ+ e o crescimento do movimento
LGB Alliance

Outubro de 2022



Francisco Luís de Carvalho Pereira

**Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+
e o crescimento do movimento LGB
Alliance**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em
Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professora Doutora Luísa Saavedra

Agradecimentos

Os meus agradecimentos vão:

Para o meu namorado que me acompanhou e sempre me deu forças para continuar.

Para a minha família, nomeadamente a minha mãe que me proporcionou esta oportunidade e que sempre me apoiou.

Para os meus amigos que me ajudaram ao longo do curso, e que me acompanharam ao longo de noites tardias e momentos de cansaço.

Por fim, para a minha querida orientadora, Luísa Saavedra, que muito me ensinou e ajudou-me a realizar o meu objetivo de ajudar a comunidade LGBTQ+.

terceiros

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-
SemDerivaçõesCC BY-NC-
ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Francisco de Carvalho

(Francisco Luís de Carvalho Pereira)

Universidade do Minho, 17 de Outubro 2022

Declaração de integridade

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 17 de Outubro de 2022

A handwritten signature in dark ink, reading "Francisco de Carvalho". The script is cursive and fluid, with the first name "Francisco" and the last name "Carvalho" clearly distinguishable.

(Francisco Luís de Carvalho Pereira)

Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e o crescimento do movimento LGB Alliance

Resumo

A recente fundação e legitimação do movimento LGB Alliance, um movimento que tem como objetivo excluir a comunidade trans da comunidade LGBTQ+, provocou interesse em investigar a possível existência de discriminação contra este grupo dentro da comunidade LGBTQ+, em Portugal. A partir de um estudo qualitativo foi analisada a existência de transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e o crescimento do, recentemente formado, movimento trans excludente LGB Alliance. Para realizar esta análise foram feitas entrevistas semiestruturadas a pessoas trans da comunidade LGBTQ+ com o intuito de abordar as suas experiências e pontos de vistas sobre este tema. Participaram 14 pessoas trans (transgéneras e não-binárias) todas com mais de 18 anos. Este estudo utilizou a experiência pessoal com transfobia de pessoas trans para entender melhor não só a existência de transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ como também o que a motiva. Foi possível concluir que a discriminação presente na comunidade LGBTQ+ não só providencia de falta de informação sobre questões trans como também da pressão da discriminação sofrida pelas outras partes da comunidade. Também foi possível concluir que existe a possibilidade de expansão do grupo LGB Alliance e que esta expansão poderá estar associada ao crescimento da extrema-direita em Portugal.

Palavras-chave: LGBTQ+; trans; discriminação

Transphobia within the LGBTQ+ community and the growth of the movement LGB Alliance

Abstract

The recent creation and legitimation of the movement LGB Alliance, a movement which intends to exclude the trans community from the LGBTQ+ community, has raised interest in investigating a possible existence of transphobia within the LGBTQ+ community, in Portugal. Using a qualitative study, the growth of this movement and the possible presence of transphobia within the LGBTQ+ community was analyzed. To do this analysis, semi structured interviews were conducted to trans people with the objective to analyze their experiences and viewpoints on this subject. There were 14 participants (transgender and non-binary) all over 18 years old. This study used the personal experience with transphobia to better understand not only the existence of transphobia within the LGBTQ+ community but also what motivates it. With the results it was possible to conclude that the transphobia present within the LGBTQ+ community not only originates from a lack of knowledge about the trans experience but also from the pressure originated from the discrimination suffered by the LGBTQ+ community in general. It was also possible to conclude that there is a possibility for expansion of the LGB Alliance and that it might be associated with the recent growth of the far-right movement in Portugal.

Key words: LGBTQ+; trans; discrimination

Índice

Introdução	1
Metodologia	4
Instrumentos	4
Participantes	5
Procedimentos	6
Resultados.....	6
Dificuldades da comunidade trans na sociedade atual	6
Transfobia dentro e fora da comunidade LGBTQ+	8
Motivações para transfobia dentro e fora da comunidade LGBTQ+	9
LGB Alliance	11
Discussão	12
Conclusão	14
Referências	16
Anexos	18

Índice de tabelas

Tabela 1	5
----------------	---

Introdução

A comunidade designada atualmente por LGBTQ+¹ nasceu a partir dos tumultos, entre policiais e pessoas LGBT, que ocorreram entre 27 a 29 de junho de 1969 no estabelecimento Stonewall Inn. Um mês depois dos Stonewall Riots foi formada a Gay Liberation Front (GLF) liderada por esquerdistas e radicais. Esta força política foi uma das múltiplas que se focavam primariamente na luta pelos direitos de pessoas LGBTQ+ (Matzne, 2015). Atualmente os Stonewall riots são celebrados todos os anos no mês de junho e considerados como o primeiro movimento significativo pelos direitos LGBTQ+.

Em oposição a este movimento de libertação surgiu em setembro de 2019 no Reino Unido a LGB Alliance (LGB Alliance, 2020). Este movimento procura defender os direitos da comunidade LGB e opõem-se aos ideais de Stonewall nomeadamente: a) refutam a existência de pessoas não binárias considerando a existência apenas do sexo masculino e feminino e que os mesmos estão fortemente relacionados com o sexo biológico. b) opõem-se ao tratamento hormonal como forma de tratamento da disforia de género; c) negam a existência do termo identidade de género como um termo válido d) afirmam a impossibilidade de mudança de sexo. Estas ideias criam uma enorme divisão dentro da comunidade LGBTQ+. No entanto, este movimento trans excludente apresentou um pedido para se tornar uma instituição de caridade no Reino Unido em março de 2020. Apesar deste pedido ter gerado bastante oposição, tanto por parte de pessoas cisgéneras como de pessoas trans de todos os grupos da comunidade LGBTQ+, e de uma petição com mais de 30,000 assinaturas ter sido entregue contra este pedido, o mesmo foi aceite pelo governo britânico e legitimado como uma instituição de caridade em abril de 2021 (LGB Alliance, 2020).

Esta recente associação vem aumentar as desigualdades de poder já existentes dentro da comunidade LGBTQ+(Weiss, 2003), na qual as identidades trans têm sido particularmente marginalizadas, tal como acontece na sociedade em geral. Seguidamente far-se-á referência a estes dois tipos de discriminação e marginalização.

Convém, previamente, referir que a comunidade LGBTQ+ é o conjunto de várias pessoas com diferentes identidades e orientações sexuais unidas com o objetivo comum que é

¹ LGBTQ+ + A sigla LGBTQ+(lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer; o sinal mais representa todos os outros termos que não encaixam nas designações anteriores) , por trans entende-se como qualquer pessoa cujo género e sexo não coincide incluindo pessoas transgénero e pessoas não binárias;

a igualdade. Devido a existirem tantas identidades e orientações sexuais, inevitavelmente foram criados diferentes grupos aos quais está associado diferentes poderes. O grupo “Lésbicas” e o Gay possuem mais poder perante o resto da comunidade devido à sua maior similaridade à cultura cisheteronormativa². Isto deve-se a uma percepção de que as identidades trans, bem como as pessoas de outras orientações sexuais são “extremas” devido à sua maior distância em relação às pessoas cisgéneras e heterossexuais. Desta forma as identidades trans, em todas as suas nuances e facetas, podem ser consideradas pela sociedade como identidades “extremas” (Weiss, 2003).

Esta perspetiva afeta negativamente alguns indivíduos gays e lésbicas, pois procuram aproximar-se da cultura cisheteronormativa para poderem evitar a discriminação por parte de pessoas cisgéneras e heterossexuais. Desta forma esta perspetiva de identidades mais extremas impulsiona a transfobia não só na sociedade em geral como dentro da comunidade LGBTQ+, apesar do seu propósito de união e igualdade. Esta visão também influencia a comunidade LGBTQ+ noutro aspeto, nomeadamente quem “merece” estar na comunidade LGBTQ+. Esta ideia denomina-se de *gatekeeping*, ou seja, algumas pessoas na comunidade queer tentam excluir outras com base no “grau” de queer que as pessoas são. Desta forma algumas pessoas podem ser postas de parte ou por serem “a mais” ou “a menos”. A comunidade trans por norma é vista como demasiado queer e por isso o *gatekeeping* acontece dessa forma. Por fim, algo que impulsiona bastante a transfobia dentro da comunidade LGBTQ+, tanto na ideia do *gatekeeping* como na de identidades mais “extremas, é o sistema cisheteronormativo (Parmenter, et al. 2020).

No que diz respeito à sociedade em geral a transfobia atua tanto ao nível de formas subtis e intrínsecas como também se manifesta em formas mais diretas, sendo algumas: a exposição genital, a imposição forçada do género e o desrespeito pelo nome escolhido pela pessoa trans (Podestá, 2019). A origem da transfobia pode ser atribuída ao atual sistema de género (Podestá, 2019) que impõe a existência de apenas dois géneros, estes fortemente ligados ao sexo biológico, assim negando a existência das vivências trans como válidas. A transfobia pode ser sentida em vários aspetos do quotidiano como na via pública, banheiros, órgãos públicos e no local de trabalho (Podestá, 2019) especialmente através da imposição do Cisplay (Martinelli et.al. ,2018). Este termo pode ser definido por atos realizados por pessoa trans com

²Cultura Cisheteronormativa- conjunto de costumes típicos de pessoas cisgéneras e heterossexuais

o intuito de parecerem cisgêneras e assim poder evitar sofrer transfobia por parte de pessoas cisgêneras. Esta necessidade cria bastante desconforto para pessoas trans, pois cria a impossibilidade de as mesmas poderem viver da forma que querem nos vários aspetos da sua vida, que seriam considerados não adequados a uma sociedade cisheteronormativa.

Atualmente o termo desinformação é entendido como informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens económicas ou para enganar deliberadamente o público e que é suscetível de causar um prejuízo público (Comissão Europeia, 2018). A desinformação tem um grande impacto na comunidade LGBTQ+ nomeadamente na criação e sustentação de normas sociais, que levam a atos de violência, exclusão social e discriminação na base da orientação sexual e/ou identidade de género (Fields et al., 2022). Esta desinformação leva à criação de estigmas que acabam por se demonstrar em políticas sociais e em comunidades que acabam por não só afetar as relações interpessoais das pessoas LGBTQ+ como podem até influenciar a perspetiva destas pessoas sobre elas próprias e, assim, afetar a saúde mental destes indivíduos. (Fields et al., 2022)

Uma das formas de demonstração e causa de transfobia é a falta de conhecimento sobre questões trans (Mcdermott; Hughes; Rawlings, 2017). A falta de conhecimento sobre questões trans possui várias consequências, e pode-se refletir tanto nas pessoas cisgêneras como nas pessoas trans. Esta falta de conhecimento provoca pouca abertura para falar sobre estes temas o que leva a que pessoas que recentemente se começaram a identificar como trans não consigam falar sobre a sua identidade nem entender na totalidade a mesma, o que cria bastante mal-estar psicológico. Esta falta de conhecimento também cria espaço para a criação de preconceitos sobre questões trans o que influencia a maneira como pessoas cisgêneras abordam pessoas trans e assim alimenta a transfobia sentida por parte da comunidade trans.

O crescimento de discriminação com base na identidade de género e na orientação sexual nomeadamente homofobia, devido à sua maior visibilidade, é por norma associada ao autoritarismo da extrema-direita. (van den Akker et al., 2012) Exemplos desta associação estão presentes na Hungria em que desde a ascensão ao poder do partido de direita conservadora, várias ideologias conservadoras e nacionalistas sobre direitos de mulheres e de outras minorias têm sido aplicadas. (Vida, 2019) Este novo governo impôs uma nova constituição que restringe casamento para relações heterossexuais e não proíbe discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género. Tudo isto aumenta a violência física e psicológica sofrida

pela comunidade LGBTQ+. (Vida, 2019) Com o recente crescimento da extrema-direita em Portugal é apresentado um claro risco para vários grupos marginalizados, incluindo a comunidade LGBTQ+, devido ao claro padrão entre discriminação a pessoas não cisgéneras e heterossexuais e o crescimento da extrema-direita.

Metodologia

Para poder devidamente explorar este tema foi utilizada uma análise temática indutiva e interpretativa. Este estilo de análise revolve à volta de sistematicamente identificar, organizar e compreender temas (Braun & Clarke, 2012). Através da identificação dos temas presentes no discurso é possível identificar ideias e experiências coletivas entre os participantes. (Braun & Clarke, 2012). A análise temática é um método de análise de discursos na procura de padrões ou códigos em comum. Com a análise temática o investigador é capaz de identificar experiências comuns entre os participantes e fazer sentido das mesmas. Uma análise indutiva é uma análise de baixo para cima sendo assim impulsionada pelo que está nos dados. Desta forma os códigos e temas derivam do próprio conteúdo dos dados. Em termos da parte interpretativa isto refere-se a procurar significados subjacentes à semântica dos dados. (Braun & Clarke, 2012)

Durante esta análise foram identificados os seguintes temas: transfobia geral, transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e por fim LGB Alliance. Dentro destes temas existem várias categorias, no primeiro tema esta incluído: Dificuldades da comunidade trans na sociedade atual, transfobia geral e motivações gerais. No segundo tema estão as seguintes categorias: Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e motivações para a mesma. Por fim no último tema existem duas categorias: LGB Alliance em geral e LGB Alliance em Portugal. Por último, as categorias de motivações dentro e fora da comunidade LGBTQ+ vão ser analisadas em conjunto devido às suas semelhanças. Os dois primeiros temas foram escolhidos com o propósito de poder apresentar os contrastes entre a transfobia dentro e a transfobia fora da comunidade, nestes temas as várias categorias tem o propósito de aprofundar e diferenciar os atos transfóbicos em si e as motivações para os mesmos. O último tema foi dividido para poder não só entender a perspetiva dos participantes sobre o grupo LGB Alliance e quaisquer associações que possam fazer relativamente ao grupo como também para entender a perspetiva dos participantes sobre a possível expansão do grupo para Portugal e também as várias nuances que envolvem essa possível expansão.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram as entrevistas semiestruturadas e o uso de um questionário sociodemográfico que incluiu entre outras perguntas, uma pergunta relativamente à identidade e pronomes dos participantes para poder respeitar a identidade de género de cada participante.

Participantes

No que toca aos participantes, consideramos pertinente realizar as entrevistas a pessoas trans para poder ter informação que derivasse da experiência prática que esta população tem com a discriminação que sofre dentro da comunidade LGBTQ+. Apesar de considerarmos esta decisão como a mais adequada para o estudo, a mesma impôs algumas dificuldades no que toca a obter participantes devido à dimensão da comunidade trans portuguesa. Participaram no total 14 pessoas trans, dentro destes participantes estão incluídas pessoas transgéneras e pessoas não binárias. De seguida está presente a tabela 1 com informações sobre todos os participantes.

Tabela 1.

Informações sobre os participantes

Identificação	Idade	Género e pronomes	Nacionalidade	Estado Civil	Nível de escolaridade
G	21	Gender Queer Ele/Delu	Portuguesa	Solteiro(a)	Secundário
J	22	Não binário (elu / ele / ela)	Portuguesa	Solteiro	Superior
A	18	Génro: não binário; Pronomes: ele/ela	Portuguesa	Solteiro	Superior
W	20	Rapaz, ele/dele	Brasil	Solteiro	Secundário
M	28	Mulher Trans	Portuguesa	Solteira	Superior
S	27	Mulher (trans). Ela/dela.	Portuguesa e Sul-Africana	Solteira	Superior
N	30	Não Binário, elu/delu	portuguesa	Solteire	Superior
P	21	Não Binário; elu/delu; they/them	Portuguesa	Solteire	Superior
L	29	Não Binário (ele/ela alternadamente)	Portuguesa	União de facto	Secundário

D	20	Genderfluid, todos os pronomes sem preferência	Portuguesa	Solteiro	Secundário
B	32	Feminino (ela/dela)	Portuguesa	Casada	Secundário
I	31	Não Binário, neutro/ela	Portuguesa	Solteire	Superior
V	19	Não Binário, sem preferência de pronomes	Portuguesa	Solteiro	Secundário
F	24	Não Binário, femininos e masculinos em português, they/them em inglês	Portuguesa	Solteiro	Superior

Procedimentos

A recolha de participantes decorreu através do uso de redes sociais nas quais inicialmente foi divulgado um questionário com questões sociodemográficas para iniciar a recolha. Infelizmente isto também apresentou um problema na recolha de dados devido à pouca adesão de algumas páginas, em partilhar o questionário.

Após os participantes terem sido selecionados foi enviado o consentimento informado a cada um e após o mesmo ser assinado as entrevistas decorreram. Estas entrevistas tiveram uma duração de cerca de 20 minutos nas quais foram abordados os temas de: transfobia geral e dentro da comunidade LGBTQ+, as motivações para essa transfobia, e por fim a LGB Alliance e o seu potencial crescimento. Estas entrevistas decorreram na plataforma Zoom na qual foi dada a opção de desligar a camera e o uso do código atribuído em vez do próprio nome para manter a confidencialidade. Os participantes também foram informados que após a transcrição da entrevista que a gravação seria eliminada e que seria sempre utilizada uma forma alternativa de identificação.

Previamente, o estudo foi aprovado pela comissão de Ética da Universidade do Minho (CEICSH)

Resultados

Dificuldades da comunidade trans na sociedade atual

Para começar, em termos das dificuldades de pessoas trans na sociedade atual, várias foram enumeradas tais como: uma maior dificuldade no processo de *come out* em comparação

com outros membros da comunidade LGBTQ+ devido a ser mais difícil serem aceites mesmo dentro da própria comunidade. Como referiu G “pessoas trans tem muita mais dificuldade em dar come out do que pessoas LGB, porque dentro da própria comunidade é mais difícil serem aceites”.

A expressão de género é complexa durante as fases iniciais da transição devido a não alinhar com a identidade de género e poder criar alguma confusão em círculos sociais, esta ideia foi mencionada por W, quando questionado acerca das dificuldades enfrentadas pela comunidade trans, “principalmente nas fases iniciais de transição (...) quando ainda não está tão assim, talvez meio andrógono, não está bem alinhado a identidade de género, pode ser um pouco confuso para as pessoas”. Também foram mencionadas dificuldades no local de trabalho e em atividades diárias como compras no supermercado tal como foi mencionado por L “problemas em termos de trabalho (podemos ser despedidos, há violência e crimes cometidos contra pessoas trans há todo um, pronto...principalmente, na falta de um melhor termo, pessoas que são obviamente trans são alvo de muita violência”.

Dificuldade no uso de aplicações de encontros também foi mencionada por S, e por L “duas pessoas gays não vão andar com um homem trans porque pensam que ele ainda é uma mulher”. Para além disto também foram mencionadas possíveis perguntas intrusivas relativas ao processo de transição como a nome morto entre outras, “(...) como perguntar qual é o nome morto da pessoa acontece tanto na comunidade como fora da comunidade” para além disto também foram mencionados certos comentários incomodativos feitos por pessoas cisgéneras devido ao carácter invalidador da identidade de género “porque acaba por ser uma coisa muito pessoal e nem toda a gente se sente muito confortável para dizer o que se está a passar e depois quando tu acabas por dizer, ouves “eu não entendo...não acredito que isso exista “ éou o “entendo mas não respeito”... e isso ainda é pior o “ entendo mas não respeito” algo que foi mencionado por D.

Também relativamente ao conceito de não binário, P afirmou haver bastante complicação no que toca a explicar esse conceito devido a provocar bastante confusão, “(...) o conceito de não binário, é um conceito muito estranho para eles e para explicar não sei se ia ter a energia suficiente (...)”, este mesmo participante também mencionou que dentro da comunidade Não-Binária existe uma dificuldade acrescida no que diz respeito ao uso apropriado dos pronomes escolhidos, devido a não saberem como aplicar os mesmos “Seja os pronomes que forem eu vou come-los porque não vale a pena , por muito que eu tente a maioria

das pessoas não vai saber como aplicar os pronomes neutros em português sequer, isso acho que é mais uma das dificuldades que nós passamos na comunidade não binária (..). Para além disto, F mencionou que por questões de segurança alguns amigos não-binários optam por utilizar pronomes mais de acordo com a sua aparência para evitar conflitos “muitos dos meus amigos são não binários, por isso vejo muitas situações em que eles dizem 'pronto vou usar estes pronomes que vão de acordo com o meu aspeto para estar segura, para saber que nada me vai acontecer, para saber que não me vou magoar’”. Por fim D, também mencionou uma dificuldade relativamente a mulheres trans e a discriminação interseccional por serem trans e mulheres “No meu caso, enquanto mulher trans, também sofro um duplo preconceito que é o facto de ser mulher e o facto de ser trans”.

Transfobia dentro e fora da comunidade LGBTQ+

Passando agora aos temas de transfobia na sua generalidade e transfobia dentro da comunidade LGBTQ+, existe um geral consenso entre os participantes que a transfobia proveniente da sociedade geral é mais intensa e também por norma mais física em comparação à da comunidade LGBTQ+. Segundo os participantes, os atos transfóbicos dentro da comunidade LGBTQ+ consistem principalmente em questionar e desacreditar a experiência trans nos seus vários parâmetros, de dizer que não é real ou que é algo de inventado como refere G no seguinte excerto: “As pessoas não veem pessoas trans como seres reais, mas mais como 'oh esta pessoa está a tentar mudar e depois vai acabar por querer ser o que era antes, é tudo uma fantochada' 'a tentar brincar' 'se querem ser outra pessoa, porque é que não são só *cross-dressers*? Porquê por esses rótulos?’.

Esta transfobia é demonstrada em variados atos como através de perguntas intrusivas acerca da transição, ou se alguma vez essa mesma transição vai ser revertida como é referido por N “(...) pode ocorrer ao mesmo nível porque se uma pessoa for confrontada com termos de pensar como responder à questão de “qual era o teu nome antes” ou “já transacionaste” ou qualquer coisa relacionada com a genitália ou com o corpo da pessoa ou com as hormonas ou com aquilo que for”. Três entrevistados também referiram ocasiões em que foram confrontados com comentários relativos à forma como se deveriam apresentar. Dois referiram que por vezes lhes é dito que devem tentar passar por cisgéneros para serem aceites, “viver uma vida ‘normal’ e ser ‘normal’ e isso no que toca à comunidade trans é mais a nível de 'não tu és trans ok eu aceito, mas tens que passar enquanto pessoa cis e tens que ser *lowkey* e tens que ser uma pessoa discreta para depois não te vires queixar que sofres disto ou daquilo” M, refere aqui uma

comparação entre a homofobia internalizada que por vezes se vocaliza num discurso acerca de como pessoas homossexuais devem tentar ser como pessoas heterossexuais, e a transfobia que por vezes ocorre tanto dentro como fora da comunidade LGBTQ+. S referiu que já lhe foi dito que deveria se apresentar como homem e não como mulher trans em contexto médico, o que provoca bastante desconforto numa pessoa trans por ser uma clara oposição à identidade de género da mesma. Esta mesma entrevistada também reporta ter-se sentido bastante rejeitada por pessoas LGBTQ+ e também refere observar situações nas quais pessoas que afirmam apoiar a comunidade LGBTQ+, acabam por na prática cometer vários atos transfóbicos “(..) vês coisas loucas ditas por pessoas que afirmam ser esquerdistas e que afirmam fazer parte da comunidade LGBT, mas claramente tem um problema com pessoas trans estarem nos mesmos espaços que eles.” Alguns dos participantes também referiram já ter sofrido um certo nível de *Gatekeeping* na forma de tentar diferenciar o que é trans suficiente para estar dentro ou fora da comunidade. Esta diferenciação ocorre por norma em relação às operações de redesignação sexual e segundo a décima segunda participante pode ocorrer até dentro da comunidade trans, “Até por parte de pessoas transgéneras sinceramente. Uma coisa que acontece muito infelizmente, é a distinção entre os ditos verdadeiros trans e os que não fizeram as cirurgias ou que não fazem tratamento hormonal. Esses tipos de situações ainda acontecem dentro da comunidade LGBT mesmo dentro da comunidade trans.” Outra das formas como transfobia ocorre é, tal como já foi referenciado acima, a recusa ou mau uso de pronomes relativos a uma pessoa trans com uma maior incidência em pessoas não binárias devido ao desconhecimento geral sobre opções neutras na língua portuguesa.

Motivações para transfobia dentro e fora da comunidade LGBTQ+

No que diz respeito às motivações para a transfobia em geral os participantes apontaram dois principais temas, o primeiro a falta de conhecimento sobre questões trans sendo esta a principal fonte e alguns apontaram que essa falta de conhecimento na sua maioria não é maliciosa. S quando questionada sobre o que motiva a transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ referiu que considera que a mesma na sua maioria não é maliciosa “aquilo que me parece é que não é malicioso ou propositadamente danificante, pode ser, mas grande parte das vezes não é”.

Começando pela falta de conhecimento, a maioria dos entrevistados aponta que a mesma alimenta estigmas relativamente a comunidade trans, nomeadamente no que toca às relações amorosas, às operações de transição, a uma visão rígida sobre o género e o não uso

dos pronomes adequados. Esta ignorância sobre questões trans, segundo alguns entrevistados, deve-se a quatro principais razões: a falta de contacto com pessoas transgéneras, baixa empatia com a comunidade trans, a falta de recursos informativos e por fim não estarem abertas a informação. Este último ponto foi referido por D quando questionada acerca das motivações para a transfobia “Acima de tudo, creio que é falta de informação. Muitas pessoas estão pouco informadas sobre o que é que é ser transgénero e algumas simplesmente não estão dispostas a querer informar-se sobre o assunto. Acho que esse é o principal motivo, é a falta de informação, e a ignorância mesmo.” A falta de empatia pela comunidade trans pode estar associada à falta de contacto das pessoas transfóbicas com pessoas trans, algo que é referenciado por V quando questionada acerca das justificações do movimento LGB Alliance “O facto de pessoas não binárias existirem e em si o conceito de sexo e de género, ambos conseguem ser muito ambíguos e tem ambos um espectro que não pode ser bem definido e então é mesmo a falta de conhecimento que para mim é a base de casos assim e às vezes as pessoas não conseguem pôr-se nos sapatos umas das outras e isso complica a empatia entre elas por isso acho que é um problema grave obviamente”. Por fim no que toca à falta de recursos, esta escassez de conteúdo informativo sobre a comunidade trans serve apenas para alimentar a desinformação e assim também a transfobia, algo que é mencionado por L “Há uma falta de educação para o publico em geral e não temos exatamente literatura à qual nos agarrarmos tanto como comunidade LGBT como publico em geral, não temos nada que nos informe a não ser os média em geral, que não são o melhor exemplo de informação sobre nada e penso que é muito difícil encontrarmos a informação correta para sabermos como é que as pessoas são.”.

Passando agora à parte das dinâmicas de poder dentro da comunidade LGBTQ+ duas ideias foram apresentadas, a da necessidade de alguns membros LGB de atacar pessoas trans devido à discriminação sofrida pelos membros cisgéneros e a visão de que a luta trans afeta a luta LGBTQ+. J refere que sente que principalmente os homens gays repetem a discriminação que sofrem na comunidade trans numa tentativa de se poderem sentir mais empoderados na sociedade, esta ideia também é acompanhada de uma possível justificação dada pelo entrevistado acerca deste fenómeno. Esta justificação seria a visibilidade de homens gays, pois apesar de estarem mais avançados na luta pela igualdade de direitos também os colocou durante bastante tempo na linha da frente dos ataques da sociedade em geral contra a comunidade LGBTQ+, “(...) acho que os homens cisgéneros homossexuais como são uma comunidade muito visível dentro da nossa comunidade, são a linha da frente para o público geral, acabam por levar um excerto de porrada da sociedade e acabam por pensar 'isto é uma grande porcaria

vocês vão levar por tabela' isto é feito muitas vezes de forma inconsciente, mas forma inconsciente como mecanismo de defesa.”. No que toca ideia da possibilidade de a comunidade LGBTQ+ ser afetada pela luta da comunidade trans P toca neste assunto e refere que alguns membros cisgéneros tentam se afastar da comunidade trans para se poderem aproximar da visão cisgénera e heterossexual. “eu acho que isso trás uma nova ameaça por sermos todos parte da mesma comunidade parece que é só mais uma luta que as pessoas que não são trans tem que lutar como se tivessem que lutar connosco, eu acho que é o querer fazer parte e ser aceite das pessoas não trans e por essa razão ao excluir-nos, a luta deles depois torna-se mais fácil ou seja ‘nós somos não heterossexuais, mas nós não nos damos com aqueles que além disso tem identidade de género’ e é este distanciamento eu acho.”

LGB Alliance

Quando questionados acerca da LGB Alliance a maioria dos participantes, não tinha informação prévia sobre este grupo e após o mesmo ter sido explicado considerou o movimento como sendo intrinsecamente transfóbico e imoral devido à sua tentativa de se separar da comunidade LGBTQ+ e às ideias e focos transfóbicos. Também foi considerado que existe uma grande possibilidade de um grupo destes encontrar apoiantes em Portugal.

As justificações deste grupo são vistas pelos participantes como conservadoras e provenientes de desinformação sobre questões trans o que acaba por se relacionar com a ideia de que a desinformação é a principal causa da transfobia. Alguns participantes apontam também que ignora por completamente a interseccionalidade entre as várias lutas, “(...) há pessoas trans que são gays, bis e que são lésbicas portanto não temos como separar as duas identidades não temos como separar as duas comunidades.”. Também existe uma grande sensação de frustração por parte dos participantes devido às origens da comunidade LGBTQ+ nomeadamente os eventos de *Stonewall* e o peso que pessoa trans tiveram nesses eventos. J também apontou que uma das razões para ver a separação como incorreta deve-se ao impacto que a luta pelos direitos trans tem nos papeis de género “(...) o movimento feminista, o movimento pelos direitos de casamentos do mesmo género ganham muito quando os direitos trans ganham devido à questão da questão da ideologia de género, pois desafia os papéis de género o que acaba por beneficiar as relações cisgéneras, pois primeiro destrói a frase de quem é o homem e quem é a mulher da relação.”.

No que toca a uma possível expansão deste grupo para Portugal existe uma associação entre essa possibilidade e o crescimento da extrema-direita que se demonstra na maioria dos

participantes. P, quando questionado acerca da possibilidade de expansão para Portugal refere não só o crescimento recente da extrema-direita em Portugal como também o geral desconhecimento da sociedade em relação à comunidade trans “Sim ,acho que sim, acho que especialmente com o crescimento, agora, da extrema direita em Portugal não tenho duvidas que a LGB Alliance se possa expandir para aqui até porque a comunidade trans é vista como uma anormalidade, uma percentagem muito pequena das pessoas é transgénero no mundo inteiro, (...)”. Apesar disto, alguns participantes referem que apesar de reconhecer a possibilidade deste movimento se expandir para Portugal, também acham que em Portugal não existe a organização necessária para formar um grupo como este. Esta ideia é mencionada por J quando questionada sobre a possibilidade do grupo se estabelecer em Portugal “Sinto que há pessoas para isso e há revolta sobre isso especialmente com o crescimento da extrema-direita que pode levar a isso. Pergunto-me se há organização logística para tal pois parece-me que em Portugal as pessoas que tem esta posição têm um discurso muito nas redes sociais e na rua mandam boca, mas acho que não tem a capacidade de juntar num grupo e fazer um trabalho conciso.”

Discussão

Numa primeira análise dos resultados podemos denotar uma clara semelhança entre os pontos levantados pelos entrevistados e a literatura disponível sobre este tema. Também podemos observar que na sua maioria a transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ tem origem em causas exteriores à comunidade e que existe o risco do grupo LGB Alliance se formar em Portugal devido à associação de transfobia com o crescimento da extrema-direita.

No que toca à transfobia geral vários participantes referiram um certo nível de hostilidade e isolamento social. Esta hostilidade toma várias formas tanto físicas como verbais algo que vai de encontro ao referido por Bettcher (2013) quando aborda o significado de transfobia: “Eu uso o termo transfobia não exatamente no medo de pessoas trans, mas simplesmente em quaisquer atitudes negativas (ódio, repulsa, raiva ou indignação moral) utilizadas contra pessoas trans com base na sua transgeneridade”. Estes pontos referidos pelos participantes expõem um claro problema de transfobia presente em Portugal que, apesar de tomar um grau mais suave, infelizmente também está presente na comunidade LGBTQ+ e que afeta o dia-a-dia da comunidade trans portuguesa.

Enquanto que muitos gays e lésbicas sentem que ‘bissexual’ e ‘transgénero’ são simplesmente nomes para partes dentro da sua comunidade, outros ativamente

rejeitam a ideia que bissexuais ou transgêneros são parte da sua comunidade, vendo-os como inteiramente separados e distintos. Heterossexismo contra bissexuais e transgêneros existe não só na comunidade heterossexual, como também na comunidade gay e lésbica. (Weiss, 2003, p.29)

Seguindo o discurso dos participantes também foi denotada uma sensação que apesar da transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ ser mais suave, as motivações são bastante semelhantes dentro e fora da comunidade e podem ter origem na pressão social causada pela discriminação com base na orientação sexual. Uma possível explicação para isto pode estar presente na história da luta pelos direitos homossexuais e o esforço de utilizar uma narrativa focada no argumento “somos iguais a vocês”. Outra possível explicação está presente na ideia entre algumas pessoas LG de que a existência de pessoas transgênero elimina a existência de identidades gays e lésbicas ao tornarem-se no sexo oposto. (Weiss, 2003) Estas posições criam a existência de duas formas de contrariar a comunidade trans, a primeira seria que pessoas trans são ‘demasiado’ *queer* pois afastam-se mais da cultura cisheteronormativa e dessa forma não encaixam na defesa utilizada pela comunidade LG “somos iguais a vocês”, a segunda forma está presente na ideia que devido a algumas pessoas transgênero se tornarem heterossexuais, estas estariam a tentar escapar à discriminação e a rejeitar a sua identidade gay ou lésbica e que ao tornarem-se heterossexuais deixam de ser *queer* o suficiente. (Weiss, 2003) Neste último ponto podemos também denotar outra conexão com os resultados devida à menção de alguns participantes relativamente à sensação de existir um certo nível de Gatekeeping dentro da comunidade LGBTQ+.

Outro ponto que foi imensamente referido pelos participantes relativamente às motivações da transfobia é a falta de conhecimento sobre a vivência trans. Esta falta de conhecimento é por vezes não maliciosa, mas também alimentada por uma falta de motivação de pessoas cisgéneras em aprender sobre questões trans. A ideia de que o desconhecimento sobre questões trans influencia a forma como esta comunidade experiencia discriminação e interações sociais é apoiada pela literatura.

Participantes descreveram a influência do *#ProjectPresence* em três principais formas: (1) aumentar a visibilidade, empoderamento, e aceite de comunidades LGBTQ+; (2) inspiração para crescimento pessoal e autoaceitação e diminuição de estigma internalizado entre os participantes; e (3) diminuição de marginalização social ao fornecer oportunidades para criação de novas

conexões e laços entre subpopulações da comunidade LGBTQ+. (Fields et al., 2022, p.7)

O *Project Presence* é um projeto originado na cidade de Baltimore nos Estados Unidos da América. O seu objetivo foi aumentar a visibilidade e diminuir o estigma direcionado a pessoas LGBTQ+ e de minorias raciais ao colocar fotos profissionais de membros desta comunidade em espaços públicos. Os resultados deste projeto foram estudados através de questionários e entrevistas semiestruturadas a membros da comunidade. Os resultados apontaram para um claro aumento na qualidade de vida de pessoas LGBTQ+ de cor na comunidade através do aumento da visibilidade e diminuição do estigma. (Fields et al., 2022) Desta forma podemos concluir que através da visibilidade, o conhecimento sobre questões trans aumenta devido à expansão de conexões interpessoais entre pessoas trans e pessoas cisgéneras assim permitindo uma diminuição na transfobia presente tanto fora como dentro da comunidade LGBTQ+.

Passando agora à LGB Alliance existe um claro sentimento de discordância dos participantes com as ideologias deste grupo, existe também uma sensação de que o grupo LGB Alliance partilha várias ideias com pessoas abertamente transfóbicas. Esta ideia é acompanhada de um aspeto apontado por alguns participantes no que toca ao foco deste grupo, pois foi referido que este grupo possui um maior foco em contrariar os direitos trans do que propriamente lutar pelos direitos LGB Alliance. Devido a alguns dos argumentos deste grupo podemos denotar uma conexão com a literatura mencionada acima, nomeadamente no que toca às motivações para a transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ especificamente no que toca à tentativa de praticar *gatekeeping* e assim excluir a comunidade trans da comunidade LGBTQ+. No que toca à expansão deste grupo, existe um claro risco de isto acontecer em Portugal devido ao recente crescimento da extrema-direita no nosso país, pois esta ideologia está associada a políticas discriminatórias com base na orientação sexual e identidade de género. (Akker et al., 2012) Esta ideia está de acordo com os resultados das entrevistas, pois houve uma clara concordância entre os participantes em relação à possibilidade deste movimento se expandir para Portugal devido ao crescimento da extrema-direita neste País.

Conclusão

Este estudo permitiu-nos concluir que existe um claro problema com transfobia em Portugal, que afeta o dia-a-dia da comunidade dentro e fora da comunidade LGBTQ+. Esta

transfobia juntamente com o crescimento da extrema-direita apresenta uma clara oportunidade para a expansão de movimentos trans excludentes como é o caso do movimento LGB Alliance.

É importante denotar que devido às motivações para esta transfobia (a falta de informação e a pressão externa/social), que a transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ se origina na sociedade geral e da discriminação com base na orientação sexual e identidade de género. Com isto podemos concluir que existe uma clara necessidade de aumentar a informação disponível relativamente a pessoas trans, através de estudos, de campanhas de sensibilização, dos media etc. para podermos efetivamente combater a discriminação com base na identidade de género nos seus vários aspetos. Para além disto existe uma necessidade de combater a discriminação contra a comunidade LGBTQ+ para poder aliviar a pressão de todos os grupos da comunidade, incluindo a comunidade cisgénera, para não desenvolverem mecanismos de defesa como o de *gatekeeping* que acabam por afetar a comunidade trans que teve várias contribuições para o movimento desde os *Stonewall Riots* de 1969.

Em termos da LGB Alliance existe também a necessidade de combater movimentos trans excludentes como este não só devido às suas ideias sobre a comunidade trans como também devido ao risco que apresentam ao tentar dividir a comunidade LGBTQ+. Esta potencial divisão não só apresenta riscos para a comunidade trans devido à potencial exclusão social de espaços seguros à comunidade LGBTQ+ como também desrespeita a história da comunidade LGBTQ+ e todos os ativistas trans que lutaram desde o início pela comunidade como um todo. É importante realçar também o peso que o crescimento da extrema-direita tem neste assunto e o quão importante é combater a mesma não só pela discriminação com base na orientação sexual e na identidade de género como também para poder combater a discriminação na sua generalidade.

No que toca a futuras investigações considera-se pertinente continuar a aprofundar o nosso conhecimento sobre a temática da discriminação nas suas várias facetas. Uma potencial futura investigação poderia também se debruçar acerca da potencial existência de bifobia ou outros tipos de discriminação dentro da comunidade LGBTQ+.

Referências

- Bettcher, T. M. (2013). Trans women and the meaning of ‘woman’. Em A. Soble, N. Power, & R. Halwani (Eds.), *Philosophy of Sex: Contemporary Readings, Sixth Edition* (pp. 233–250).
- Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic analysis. Em H. Cooper, P. M. Camic, D. L. Long, A. T. Panter, D. Rindskopf, & K. J. Sher (Eds.), *APA handbook of research methods in psychology, Vol 2: Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological*. (pp. 57–71). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/13620-004>
- European Parliament. Directorate General for External Policies of the Union. (2021). *Disinformation campaigns about LGBTI+ people in the EU and foreign influence*. Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2861/980572>
- Fields, E. L., Long, A., Silvestri, F., Bademosi, K., Benton-Denny, J., Granderson, R., Schumacher, C., Chandran, A., Greenbaum, A., & Jennings, J. (2022). #ProjectPresence:

Highlighting black LGBTQ persons and communities to reduce stigma: A program evaluation. *Evaluation and Program Planning*, 90, 101978.

<https://doi.org/10.1016/j.evalprogplan.2021.101978>

LGB Alliance. (2020). *Written evidence submitted by LGB Alliance [GRA1647]*. Uk Parliament.

Maria Eduarda Martins Barboza. (2022). O papel da educação no combate à desinformação, discriminação e xenofobia. Em Daniel L. S. Braga, *Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas Multidisciplinares no Século XXI, Volume 1* (1.^a ed., pp. 493–443). Instituto Scientia. <https://doi.org/10.55232/1083002.26>

Martinelli, F., Queiroz, T., Araruna, M. L., & Mota, B. (2018). Entre o cisplay e a passabilidade: Transfobia e regulação dos corpos trans no mercado de trabalho. *Revista Latino-americana de Geografia e Genero*, 9(2), 348–364. <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0019>

Matzner, A. (2015). *Stonewall riots*. GLBTQ Archive.

McDermott, E., Hughes, E., & Rawlings, V. (2018). The social determinants of lesbian, gay, bisexual and transgender youth suicidality in England: A mixed methods study. *Journal of Public Health*, 40(3), e244–e251. <https://doi.org/10.1093/pubmed/idx135>

Parmenter, J. G., Galliher, R. V., & Maughan, A. D. A. (2021). LGBTQ+ emerging adults perceptions of discrimination and exclusion within the LGBTQ+ community. *Psychology & Sexuality*, 12(4), 289–304. <https://doi.org/10.1080/19419899.2020.1716056>

Podestá, L. L. de. (2019). Ensaio sobre o conceito de transfobia. *Revista Periódicus*, 1(11), 363–380. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i11.27873>

Russell, E. L. (2019). *The discursive ecology of homophobia: Unraveling anti-lgbtq speech on the european far right*. Multilingual Matters.

van den Akker, H., van der Ploeg, R., & Scheepers, P. (2013). Disapproval of homosexuality: Comparative research on individual and national determinants of disapproval of homosexuality in 20 european countries. *International Journal of Public Opinion Research*,

25(1), 64–86. <https://doi.org/10.1093/ijpor/edr058>

Vida, B. (2019). New waves of anti-sexual and reproductive health and rights strategies in the European Union: The anti-gender discourse in Hungary. *Sexual and Reproductive Health Matters*, 27(2), 13–16. <https://doi.org/10.1080/26410397.2019.1610281>

Weiss, J. T. (2003). Gl vs. Bt: The archaeology of biphobia and transphobia within the u. S. Gay and lesbian community. *Journal of Bisexuality*, 3(3–4), 25–55.
https://doi.org/10.1300/J159v03n03_02

Anexos



Universidade do Minho

Conselho de Ética

Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas

Identificação do documento: CEICSH 105/2021

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e o crescimento do movimento LGB Alliance*

Equipa de Investigação: Francisco Luís de Carvalho Pereira (IR), Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Luísa Saavedra (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho.

PARECER

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Transfobia dentro da comunidade LGBTQ+ e o crescimento do movimento LGB Alliance*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto nos termos apresentados no Formulário de Identificação e Caracterização do Projeto, que se anexa, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 13 de dezembro de 2021.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)

Anexo: Formulário de identificação e caracterização do projeto